

A Importância da Organização: Errico Malatesta e seu Programa Revolucionário

Deivid Carneiro Ribeiro

O objetivo do texto que segue é apontar algumas das teses do anarquista italiano Errico Malatesta. Teses essas que estão contidas em diferentes textos de diferentes épocas. Assim, nossa intenção, é mostrar o caráter libertário que tais ideias possuem, pois, na forma como o autor enfatiza a importância da organização e como essas organizações de trabalhadores, devem se estruturar, o caminho apontado é somente um: a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade fundada no livre acordo. Nas palavras do autor:

[...] Queremos a Anarquia, isto é, uma sociedade fundada sobre o acordo livre e voluntário, na qual ninguém possa impor sua vontade a outrem, onde todos possam agir e concorrer voluntariamente para o bem-estar geral (MALATESTA, 2008, p.118).

Sobre o conceito de Anarquia diz Malatesta:

A Anarquia é a abolição do roubo e da opressão do homem pelo homem, quer dizer, a abolição da propriedade individual e do governo; anarquia é destruição da miséria, da supertição e do ódio (MALATESTA, 2008, p.118).

Em outra obra, intitulada de *A Anarquia*, quando o anarquista italiano trata dos preconceitos sobre o sentido da palavra anarquia, o mesmo a define como: “ordem natural, harmonia das necessidades e dos interesses de todos, liberdade completa na completa solidariedade” (MALATESTA, 2001, p.14).

Evidentemente que caberiam várias e severas críticas a algumas ideias do autor, como por exemplo, o fato de Malatesta usar repetidas vezes em diferentes textos, o termo “evolução” (e evolução no sentido consagrado pelos positivistas do século XIX)¹. Porém, o presente texto não as fará. Intencionamos, especificamente, demarcar algumas das contribuições de Errico Malatesta para o projeto anarquista de superação do capitalismo. Utilizaremos como fonte os textos: *A organização das massas operárias*, *A organização I* e *A organização II (todos de 1897)*.

¹Ver *Rumo à Anarquia* de 1910 e a já citada obra *A Anarquia*, quando o autor ao definir o significado do termo *anarquia* se utiliza para tal a expressão “ordem natural”, dando a entender que a anarquia é um caminho inevitável. Ou seja, a concepção temporal aqui apresentada pelo autor é linear, e a *anarquia* seria necessariamente o futuro à sociedade capitalista.

A partir dos textos acima citados discutiremos pontualmente três importantes questões: o porquê da organização; a organização sem autoridade; a organização do partido anarquista. Nesta última parte caberá uma sucinta discussão sobre o significado do termo “partido” para o anarquista italiano, já que não é o mesmo significado que carrega uma memória bolchevista ou mesmo a apreensão que possuímos hoje de partido.

Dentro do programa revolucionário, apresentado nos textos já citados, faz-se necessário para subversão da ordem, a organização das massas operárias. Organização essa, onde não pode haver autoridade, já que assim, esta organização reproduziria, na forma como se estrutura, características do modelo social vigente, perdendo todo o seu caráter libertário.

Porém, Malatesta começa a discussão tratando da necessidade que o homem tem de se organizar, já que de outra maneira não haveria a possibilidade de existência de uma sociedade. Ou seja, o homem como ser social, só desenvolve suas potencialidades e se humaniza na relação com outros homens. Evidentemente isso se dá em um espaço e em um específico período histórico. Então, apesar das mais variadas formas (de organização) para que uma sociedade exista é necessário que ela se organize. No caso da sociedade capitalista, a organização se dá pelo Estado, que se utiliza da burocracia como forma de sistematizar as relações sociais. Segundo o anarquista,

...sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade, sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem na sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a compreensão dos outros e não oferece a sua, em condição de reciprocidade e solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma engrenagem inconsciente no mecanismo social que os outros acionam a seu modo, e em sua vantagem (MALATESTA, 2008, p. 93).

Assim, o autor atribui à causa da condição atual da classe trabalhadora (1897, quando o texto foi escrito) a falta de unidade da mesma, a falta de uma organização efetiva. Portanto, “os trabalhadores são explorados e oprimidos porque, estão desorganizados em tudo que concerne à proteção de seus interesses” (MALATESTA, 2008, p. 93). Nesse sentido, o autor desfere uma crítica aos anarquistas da época que não eram favoráveis a nenhum tipo de organização que não intencionasse a anarquia como objetivo primário e direto. Esses anarquistas eram contrários a qualquer tipo organização de trabalhadores, já que não vislumbravam a possibilidade de uma

organização revolucionária sem a existência de hierarquia, e conseqüentemente, de autoridade. Malatesta diz que os mesmos utilizavam-se, até mesmo, da estratégia de infiltrar-se em algumas organizações para desorganizá-las. O que para o anarquista italiano seria um erro gravíssimo, pois isso levaria o movimento anarquista a uma “perpétua esterilidade” (MALATESTA, 2008, p. 94).

Desta maneira, o autor evidencia a necessidade de uma auto-organização dos trabalhadores, tanto em associações que visam pequenas melhorias no seu cotidiano de trabalho, quanto em associações que visam à revolução como objetivo central, ou seja, não é por propor pequenas melhorias que um determinado coletivo de trabalhadores possui um caráter anti-revolucionário, mas sim, se essas medidas forem o seu objetivo único, o que anestesiaria a classe trabalhadora e faria com que a mesma nunca se emancipasse. Segundo Malatesta “é nas associações operárias que o trabalhador encontra seus camaradas e, em princípio, aqueles que estão mais dispostos a compreender e a aceitar nossas ideias” (2008, p. 94) (a propaganda anarquista de superação do capitalismo).

Em relação à auto-organização dos trabalhadores, aponta Malatesta:

Nós, anarquistas, não queremos emancipar o povo, queremos que o povo se *emancipe*. Nós não acreditamos no fato imposto, de cima, pela força; queremos que o novo modo de vida social saia das entranhas do povo e corresponda ao grau de desenvolvimento atingido pelos homens e possa progredir à medida que os homens avançam. Desejamos que todos os interesses e todas as opiniões encontrem, uma organização consciente, a possibilidade de se colocar em evidência a influenciar a vida coletiva, na proporção de sua importância (2008, p. 95).

A conclusão a qual podemos chegar pela análise das ideias expostas neste primeiro texto (*A organização das massas operárias*) e nesta primeira parte é a de que tanto para alcançar a anarquia, e para fazê-la manter-se, é fundamental que os trabalhadores se organizem em associações que não possuam somente a intenção de reformas, em associações que não coloquem o papel da autoridade como necessária, ou seja, que não se estruturam de maneira hierárquica. Somente desta maneira, segundo as referências e reflexões do autor, se construiria uma sociedade fundamentada na autogestão social (apesar de em momento algum Errico Malatesta se utilizar desse termo, que, mais especificamente, é cunhado no pós- maio de 68).

Depois de discutir a importância da organização das massas operárias, ou seja, o porquê de sua necessidade, passaremos à segunda e não menos importante parte a ser

tratada, que é a crítica que o autor faz aos anarquistas que não acham possível a existência de organizações que se estruturam sem haver autoridade. Assim, os mesmos são contrários a qualquer tipo de organização o que, como já foi acima exposto, é um erro primário e gravíssimo. Malatesta relata:

Na verdade, esta fixação chegou ao ponto de fazer sustentar coisas realmente incríveis. Combateu-se todo tipo de cooperação e acordo porque a associação é a antítese da anarquia. Afirma-se que, sem acordos, sem obrigações recíprocas, cada um fazendo o que lhe passar pela cabeça, sem mesmo se informar sobre o que fazem os outros, tudo estaria espontaneamente em harmonia: que anarquia significa que cada um deve bastar-se a si mesmo e fazer tudo que tem vontade, sem troca e sem trabalho em associação. Assim, as ferrovias poderiam funcionar muito bem sem organização, como acontecia na Inglaterra. O correio não seria necessário: alguém de Paris, que quisesse escrever uma carta a Petersburgo, podia ele próprio levá-la! (2008, p. 104).

Segundo o italiano, apesar de serem absurdas essas convicções, elas foram propagadas e recebidas como sendo a expressão autêntica das ideias anarquistas. O que, segundo o mesmo, serviram como armas para combater os próprios anarquistas, tanto por burgueses como por não burgueses. O anarquista continua sua argumentação contra essas ideias:

Alguns indivíduos de espírito limitado, mas providos de espírito lógico poderoso, quando aceitam premissas, extraem delas todas as conseqüências até que, por fim, e se a lógica a assim o quer, chegam, sem se desconcertar, aos maiores absurdos, à negação dos fatos mais evidentes. Mas outros indivíduos mais cultos e de espírito mais amplo que encontram sempre um meio de chegar a conclusões mais ou menos razoáveis, mesmo ao preço de violentação da lógica. Para eles, os erros teóricos têm pouca ou nenhuma influência na conduta prática. Mas, em suma, desde que não se haja renunciado a certos erros fundamentais, estamos, sempre ameaçados por silogismos exagerados, e voltamos sempre ao começo (MALATESTA, 2008, p. 105).

Assim, Malatesta tece duras críticas aos que se dizem anarquistas e são contrários a qualquer tipo de organização (tanto organização geral - necessária à vida do homem; quanto à organização dos trabalhadores em prol de um objetivo comum, a anarquia) e favoráveis a uma sociedade desorganizada. Pois, segundo sua própria definição “anarquia significa sociedade organizada sem autoridade, compreendendo-se autoridade como a faculdade de impor sua vontade” (MALATESTA, 2008, p. 106).

Portanto, o que o autor quer pontuar é que é sim possível organização social sem a utilização de toda e qualquer autoridade. Não somente, mas que além de em nada ajudar, muito pelo contrário, a autoridade serve como um parasita que prejudica uma classe em detrimento de outra.

Concluimos essa parte apontando que a crença em uma sociedade que não se organiza, ou que a emancipação dos trabalhadores não seria fruto de sua própria capacidade de organização, colabora para a perpetuação do *status* vigente, e de forma alguma para constituição de uma sociedade livre e auto organizada. Depois de o autor ter, como foi exposto acima por nós, tratado da importância da organização para superação do então modelo social vigente e de ter afirmado e reafirmado a possibilidade de organização social sem o uso da autoridade, ou seja, sem coerção, trataremos, a partir da leitura do texto: *A organização II*, da constituição de um *partido anarquista*.

Como foi colocado por nós no terceiro parágrafo do texto, o termo partido, não tem o sentido de uma classe dirigente constituída. Pois como foi colocado aqui por nós, e é claro, usando como referência os textos já citados, a proposta anarquista de Malatesta e dos anarquistas que com suas teses corroboram, não é de promover a emancipação do povo, mas que esse mesmo povo tenha a capacidade de emancipar-se. Assim, fica subentendido que a função dos anarquistas e das associações ditas anarquistas é ajudar na organização das massas operárias. E não, o de ser dirigente das mesmas. Esse contingente operário deve guiar-se por suas próprias pernas.

Logo, para que haja a emancipação dos trabalhadores, é necessário que os mesmos se organizem de forma autônoma, e não elejam organizações separadas dos mesmos para tornar tal emancipação possível. Caso isso ocorra, como por exemplo, eleger partidos políticos que partam de sua perspectiva, tal emancipação jamais será possível. Porém, quando Errico Malatesta coloca em evidência a importância de um *partido* o mesmo não está entrando em contradição com as ideias antes expostas já que aqui a concepção do que seria esse *partido anarquista* é outra. A forma como esse *partido* se estrutura e os objetivos a serem alcançados pelas ações do mesmo não possuem nada em comum com a estrutura e o com os objetivos abaixo mencionados de uma organização partidária.

Os partidos políticos são organizações burocráticas que visam a conquista do Estado e buscam legitimar esta luta pelo poder através da ideologia de representação e expressam os interesses de uma ou outra classe ou fração de classes existentes. Assim, os quatro elementos que caracterizam os partidos políticos são: a) organização burocrática; b) objetivo de conquistar o poder do Estado; c) ideologia da representação como base de sua busca de legitimação; e d) expressão dos interesses de classe ou fração de classe (VIANA, 2003, p. 12-13).

Partido anarquista é

...o conjunto dos indivíduos que têm um objetivo comum e se esforçam para alcançá-los, é natural que se entendam, unam suas

forças, compartilhem o trabalho e tomem todas as medidas adequadas para desempenhar esta tarefa. Permanece isolado, agindo ou querendo agir cada um por sua conta, sem se entender com outros, sem preparar-se, sem enfeixar as fracas forças dos isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação (MALATESTA, 2008, p. 109).

Ou seja, partido seria o conjunto de pessoas que se uniriam a fim de trilhar um caminho que alcançasse a anarquia. Lembrando que, toda a autoridade deve ser negada dentro de toda e qualquer espécie de organização que intenciona ser anarquista. Nesse sentido, esse partido seria um coletivo de indivíduos que estariam unidos por um ideal, o de superar o capitalismo. Para o autor, em uma organização como essa não seria possível a existência de toda e qualquer autoridade, muito pelo contrário, um coletivo que possui um elevado nível de organização não abriria brechas para que as figuras dos “chefes” fossem aparecendo.

Para Errico Malatesta, a figura do chefe apareceria com a falta de organização dos membros desse coletivo e também pela falta de compromisso de alguns membros. Assim, ao delegar, por exemplo, a capacidade de pensar as ações do grupo a um ou a poucos indivíduos, por mais que não se tenha a intenção, “naturalmente” o papel da autoridade vai se colocando como necessária. Assim, a figura do “chefe” surge, somente, quando há um pequeno ou grande nível de desorganização dentro do coletivo. Logo (pela aparição da autoridade dentro do coletivo), o que há é a supressão da liberdade, havendo isso, haveria na forma como esse coletivo se estrutura a reprodução do que o grupo teoricamente nega, que é a forma como a sociedade capitalista se estrutura.

Para Malatesta, a liberdade não é um direito abstrato, mas sim, a possibilidade de realização de algo. Isso só seria possível em cooperação mútua, já que o isolamento produziria a impotência do sujeito. Nesse sentido, membros de organizações que se estruturam de maneira burocrática, como a definição colocada acima, teria sua liberdade suprimida. Já que haveriam sujeitos que acabariam por decidir sem a deliberação clara do indivíduo os rumos da organização do coletivo que o mesmo compõe.

Para concluir, uma

...organização especificamente anarquista é o agrupamento de indivíduos anarquistas que, por meio de suas próprias vontades e do livre acordo, trabalham juntos com objetivos bem determinados. Para isso, ela se utiliza de formas e meios necessários para que estes objetivos sejam atingidos, ou para que, pelo menos, que se caminhe em direção a eles (FARJ, 2009, p. 128).

Ao colocar em evidência a importância que a organização tem para classe trabalhadora, Malatesta contribui de forma relevante para que os trabalhadores de sua época tenham condições de pensar a maneira como a sociedade capitalista se estruturava e de pensar também os mecanismos utilizados pelos donos do poder para tornar sua dominação cada vez mais efetiva e perpétua. Ao nos mostrar que a emancipação dos trabalhadores é fruto da sua capacidade de organização, o italiano nos mostra como seu pensamento possui um caráter libertário, e como o mesmo nega a importância dos partidos políticos na condução da luta e na direção dos trabalhadores. Seu pensamento acaba por contribuir, também, para a negação da memória bolchevista que prevalece viva ainda hoje em muitos teóricos e escritos “revolucionários”. Ou seja, suas contribuições permanecem, ainda hoje, atuais.

Quando Malatesta, afirma e constrói em mais de um texto a tese da possibilidade de existência de uma organização sem que aja qualquer tipo de autoridade, o mesmo desconstrói a ideologia que coloca em evidência o papel do revolucionário, desmistificando, desta maneira, todos os mártires das revoluções que o precederam e mesmo das revoluções que ocorreram em todo mundo depois de sua morte. Errico Malatesta, influenciado por pensadores anarquistas que o precederam, como Proudhon e Bakunin, ao reafirmar a necessidade de uma organização que se estruture de maneira horizontalizada, torna mais evidente ainda o caráter transgressor de suas ideias, e também, o caráter revolucionário que a classe trabalhadora possui quando se organiza de forma realmente libertária, intencionando sua própria emancipação, que não será fruto de um líder e/ou representante, mas para o autor, fruto dela mesma.

Malatesta, ao pontuar a importância de um partido anarquista (como já explicamos “partido” para o anarquista tem o sentido de coletivo auto-organizado) nos mostra como é necessário, para que aja a superação do capitalismo, e assim, a emancipação dos trabalhadores, a auto-organização dos mesmos. Pois, na sociedade capitalista, são os trabalhadores que possuem intenção revolucionária.

A partir de tudo isso, fica evidente o caráter de ruptura com a sociedade capitalista das ideias de Errico Malatesta e, como muito de suas teses são ainda atuais e mesmo fundamentais para a compreensão do modelo social ainda vigente, e também para sua superação. Fica claro, também, o caminho para o qual suas reflexões apontam, que é a superação do modelo de sociedade atual e a implantação da autogestão social, apesar do autor não usar, especificamente, esse termo.

Referências bibliográficas

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO (FARJ). *Anarquismo social e organização*. Rio de Janeiro: Faísca, 2009.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2001.

VIANA, Nildo. *O que são partidos políticos?* Goiânia: Germinal, 2003.

Deivid Carneiro Ribeiro

Graduando em Licenciatura em História pelo IFG – Campus Goiânia.

Email: deividcarneiro_gyn@hotmail.com.